

LUIZ PACHECO 100

Abril 23, quarta-feira. Casa da Cultura. Sala José Afonso
19 horas

Bocage, Luiz Pacheco e Resistência aos Regimes de Censura.
Lançamento do Projeto **Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel**, por Rui Sousa, Sofia A. Carvalho, Sofia Roque e Sofia Santos.
Luiz Pacheco e Resistência aos Regimes de Censura. Palestra por Rui Sousa e Sofia Santos. Moderação de Sofia Roque.

Maio 9, sexta-feira. Casa da Cultura. Sala José Afonso
21 horas

Textos Malditos. Leitura de textos de Luiz Pacheco, por Lia Gama e Maria João Luís. Iniciativa: Artistas Unidos

10, sábado. Casa da Cultura. Galeria
18 horas

COMUNIDADE. Exposição de Teresa Dias Coelho.
Instalação/livro, a partir das ilustrações para o texto **COMUNIDADE**. Edição Contexto. 1980. Curadoria de José Teófilo Duarte

22, quinta-feira. Casa da Cultura
21 horas

O Firmamento é Negro e Não Azul – A Vida de Luiz Pacheco, de António Cândido Franco.
Participação: António Cândido Franco, Paulo Pacheco, Ana da Silva e Rosa Azevedo. Moderação de José Teófilo Duarte

Junho 26, quinta-feira. Casa da Cultura. Sala José Afonso
21 horas

Do Libertino, de Rui Sousa.
Participação: Rui Sousa e Rosa Azevedo
Moderação de José Teófilo Duarte

Outubro Luiz Pacheco – Autor do mês
Biblioteca Municipal e Polos de Setúbal
Exposição bibliográfica e vídeo sobre vida e obra do autor

17, sexta-feira. Biblioteca Pública Municipal, Setúbal
18 horas

Palestra sobre Luiz Pacheco pelo professor António Cândido Franco

27, sábado. Casa Bocage
16 horas
Bocage e Luiz Pacheco

22 e 23 outubro
Setúbal e Palmela
Congresso Centenário de Luiz Pacheco (1925-2025)

22, quarta-feira – Cinema Charlot, Setúbal
23, quinta-feira – Biblioteca Municipal de Palmela
Organização: Projeto Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel
Instituições parceiras: Instituições parceiras: CM Setúbal, CM Palmela, CLEPUL, FCT, Casa da Liberdade – Mário Cesariny, CEHUM, CLP

Novembro 27, quinta-feira. Casa da Cultura
21 horas

Ciclo de conversas 100 anos de Luiz Pacheco
Projeção da peça **Morto o Cão, Acabou-se a Fúria – A Vida de Luiz Pacheco**.
Conversa com o ator do monólogo, Cláudio da Silva

Dezembro 18, quinta-feira. Casa da Cultura
21 horas

Ciclo de conversas 100 anos de Luiz Pacheco



Ilustração de André Carrilho

a páginas tantas em

COMUNIDADE

A cama é larga, de madeira, alta, gingona, parece uma jangada. Eu comparo-a a uma jangada, onde vamos nós cinco, cercados de noite, de ventos, de ondas caprichosas, perigos desconhecidos. É uma imagem literária, esta, da cama-jangada; a literatura, a quem muito, sofregamente, lê, dá isto: comparações para tudo, referências imprevistas, casos, tipos, situações paralelas que já houve ou foram inventadas, uma outra vida ou realidade como a nossa de todos os dias e que se infiltra no sangue, ferve na memória sem que a gente dê por isso. Não ajuda a viver, é certo, porque nada ajuda a viver; antes a figurar-se. Permite, talvez, uma certa coerência (interior). Não é importante, afinal, – mas que será importante, afinal?

PACHECO, Luiz – *Comunidade*, Lisboa: Contexto, 1980, p. 18-19



Ilustração de Henrique Manuel

LUIZ PACHECO 100

casa da
cultura
setúbal

SETUBAL
MUNICÍPIO PARTICIPADO

a páginas tantas em

O TEODOLITO

O que são as distâncias? São as realidades. Ou por onde estas se definem e singularizam. Como não pode estar tudo no mesmo sítio, nem todos serem esse mesmo sítio, o caos inicial, as pessoas e as coisas afastam-se, tendem a fugir para os seus lugares próprios, com as suas fórmulas de conduta rigorosamente necessárias e próprias. Algumas voltam para trás, enrodilham-se; outras vão alargando cada vez mais a sua órbita, fogem às origens, rodopiam num turbilhão e nunca se pode prever onde irão acabar. Quero eu dizer: parar.

PACHECO, Luiz – *O Teodolito*, Lisboa: Estuário, 1990, p.23

a páginas tantas em

O TEODOLITO

Onde estarão agora os que foram meninos comigo, meus companheiros de bibe e calção? Gostava de ir lá vê-los à nossa infância, de irmos todos, reconhecemos todos como nossa ainda a pureza antiga, os projectos que enterrámos, as ilusões, os actos falhados. E, com efeito, o mundo dos adultos está cada vez mais triste, mais crápula, mais ratazana. É uma bicharada que vai a correr prò buraco do coval, comprometida e lassa, sem alegria, sem carácter, sem sentimentos, sem dignidade nenhuma. Não são gente: são baratas medrosas, assustadas sempre, que andam de luto por eles-mesmos e se escondem quando pressentem uma luz, a ousadia dum gesto, a virtude duma palavra. Adultos, cadáveres de jovens. Metem dó, metem nojo, tão velhinhos e tão resignados. Cagarolas. Gostaria de os tornar a ver como eram, na infância.

PACHECO, Luiz – *O Teodolito*, Lisboa: Estuário, 1990, p.38